

# MOVIMENTOS SOCIAIS E OS DIREITOS DE CIDADANIA DOS HOMOSSEXUAIS

*Edward MacRae*

**E**m várias partes do mundo, incluindo o Brasil, a década de 1970 foi marcada pelo surgimento de uma política baseada no conceito de identidades pessoais. Abandonando as tradicionais organizações partidárias de direita ou de esquerda, surgiram novos movimentos sociais com propósitos particularistas e imediatistas, voltados para a resolução de problemas específicos que afetavam determinados grupos.

Dotados de um caráter marcadamente expressivo, esses movimentos desenvolviam formas de convivência e de participação vividas como positivas em si mesmas, calcadas num sentimento de igualdade e identificação entre todos os seus membros. Certas carências ou particularidades de estilo de vida foram eleitas como a base de novas identidades sociais, muitas vezes de caráter totalizante.

Um desses processos foi o movimento homossexual, formado em São Paulo no final da década de 70, que nos seus primeiros anos propiciou o surgimento de um novo personagem na arena política: o militante homossexual.

Após os fracassos da luta armada contra a ditadura militar e de outras formas mais tradicionais de resistência organizada, sentia-se no Brasil que os métodos e os objetivos da prática política estavam esgotados. Buscava-se então outros que fossem mais viáveis e relevantes às necessidades pessoais dos militantes.

Aos poucos, foram então surgindo formas alternativas de contestar a ordem vigente. E uma delas foi a questão da liberdade sexual e dos costumes. Embora isso hoje possa parecer algo corriqueiro e pouco espetacular, deve-se lembrar o clima de intolerância criado pela repressão brutal exercida pelo regime militar e pela atuação absurda da censura oficial. Basta lembrar que uma edição da revista *Realidade* foi apreendida na época por publicar os resultados de uma pesquisa a respeito da situação da mulher contemporânea no Brasil. Igualmente a revista *IstoÉ* publicou uma matéria sobre a vida homossexual nas grandes cidades que tinha na capa a foto clássica de duas mãos dadas masculinas e também foi apreendida. Eram temas que por mais anódinos que possam parecer hoje, já provocavam a ira do sistema.

Nesse contexto em que qualquer coisa poderia ser considerada “subversiva” causaram grande impacto os questionamentos dos papéis de gênero levantados pelos espetáculos do grupo teatral Dzi Croquetes, em meados da década de 70. Era formado por homens barbudos e peludos que se cobriam de purpurina, vestiam tutus de bailarina e se apresentavam dançando, cantando e “fechando” nos palcos. Esse tipo de contestação caricaturada dos papéis de gênero foi adotado também pelo grupo musical Secos e Molhados, mais tarde por Ney Matogrosso atuando sozinho e por Caetano Veloso, que quando de volta do exílio fez alguns shows em que se apresentava vestido de baiana, causando espécie entre os bem-pensantes da direita e da esquerda.

Nessa época, em São Paulo, na Galeria MetrÓpole, no centro da cidade, havia uma interessante confluência de marginalidades. Era uma área freqüentada pelos estudantes esquerdistas, altamente politizados, e também era uma ponto freqüentado pela boemia e pelas “bichas” que iam caçar michês e os encontrava aí. A Galeria MetrÓpole foi muitas vezes fechada e todos seus freqüentadores revisitados, levados para a delegacia. Era um centro de efervescência contestatório. Do encontro dessas duas marginalidades surgiu uma maior familiaridade da esquerda, então bastante homÓfoba e machista, com as dificuldades enfrentadas pelos homossexuais. Por outro lado, o que se poderia chamar de “boemia bicha” também foi exposta às idéias e aos métodos de contestação política, o que levava seus participantes a pensar sua situação de um ponto de vista mais abrangente. Começou-se a pensar na opressão sofrida pelos homossexuais como análoga à dos negros, das mulheres e dos trabalhadores.

Finalmente, em 1979, quando já começa a haver uma maior liberdade de expressão, ainda com severas restrições, apareceu a revista *Lampião*, um “nanico”, com uma proposta de formar alianças entre os homossexuais e os ditos “grupos minoritários”, basicamente as feministas, os negros e os índios. Era um jornal com

um corpo editorial formado por intelectuais e, de certa forma, bastante sisuda, com muitos artigos politizados nos seus primeiros números e nenhuma foto de nu. A proposta ampla do jornal conquistou a simpatia de muitos outros colaboradores intelectuais que não eram homossexuais, mas que eram pessoas preocupadas com uma maior liberdade, e se prontificaram a escrever nos primeiros números do *Lampião*.

Ao mesmo tempo que surgia o *Lampião*, que teve uma repercussão muito grande por todo o Brasil, sendo encontrado em grande número de bancas, em qualquer cidade, apareceu o grupo SOMOS de Afirmação Homossexual formado por militantes homossexuais. Devido à publicidade que recebeu do próprio *Lampião*, logo surgiram outros 22 grupos espalhados por todo o Brasil, que seguiam mais ou menos a mesma linha.

Esses grupos aderiam ao novo esquema político que surgia, em parte importado dos Estados Unidos e da Europa, e procuravam valorizar a identidade homossexual, lutar contra a discriminação ou atentados contra os direitos humanos dos homossexuais. Chegaram até a promover uma grande passeata contra um delegado em São Paulo, o doutor Wilson Richetti, que estava promovendo uma “operação limpeza” no centro da cidade, prendendo e batendo em travestis e prostitutas. Buscavam alianças com o movimento feminista e o movimento negro, que eram identificados como sendo muito similares em sua estrutura e em várias de suas reivindicações.

Numa época de muita repressão e num momento em que a vida gay era pouco visível, esse movimento servia como local de socialização. Muitos daqueles que iam às reuniões do SOMOS não estavam muito interessadas no seu aspecto político e sim nas festas que eram dadas, na oportunidade de encontrar outras pessoas, num clima em que a homossexualidade era considerada normal, permitindo a paquera de uma forma bastante descontraída.

Embora esse movimento nunca tivesse contado com muitos militantes, ele chamou a atenção para si e permitiu que jornalistas de grandes publicações produzissem matérias sobre o assunto. Esses grupos militantes forneciam interlocutores para aqueles que queriam escrever sobre a homossexualidade, pois eram grupos visíveis, dispostos a participar de debates e entrevistas sem medo de se expor. Isso até então havia sido difícil de conseguir, mesmo quando o objetivo era a defesa dos direitos dos homossexuais.

Em decorrência de uma série de fatores, mas principalmente à democratização geral que estava ocorrendo no país, houve o surgimento, quase concomitante, de um gueto gay comercial: saunas, bares e boates, em que era possível as pessoas se encontrarem e fazer a socialização que antes faziam no movimen-

to político, sem ter de se envolver nas suas brigas faccionárias. Porque, de fato, esse movimento homossexual era bastante problemático. Primeiro, ele se estruturava sobre uma noção de identidade homossexual parcialmente copiada do movimento gay americano, que dividia a humanidade entre homossexuais e heterossexuais.

Mas o Brasil, nesse aspecto, é bastante ambíguo (alguns diriam hipócrita). Existe aqui uma grande área cinzenta entre os homossexuais e heterossexuais. Sabe-se que é comum a prática da bissexualidade e há relutância de muitos em se identificar rigidamente com uma prática ou outra. A noção de identidades estanques, identidades militantes, é particularmente apropriada para sociedades mais democráticas, nas quais se tem o costume de se associar horizontalmente, em sindicatos etc., e nas quais se associar com os iguais para lutar pelos seus direitos é visto como uma tática bem-sucedida.

No Brasil, uma sociedade de patronato, costuma funcionar a organização vertical. Aqui os indivíduos organizam-se estabelecendo relações com os de cima que possam ajudá-los individualmente. Isso é especialmente comum em relação à homossexualidade, que agrupa membros de diversas classes sociais, entre os quais há uma grande heterogeneidade. São pessoas que muitas vezes preferem manter uma certa discrição sobre a sua opção sexual, porque é assim que se vai em frente na sociedade brasileira, com jeito e sem constranger os superiores de quem se necessita o apoio e proteção.

Portanto, a noção de que todos os homossexuais estão na mesma situação e devem se unir pelos seus direitos encontrava séria resistência. Outro problema é que o Brasil não tinha uma legislação claramente anti-homossexual. Aqui não era proibido ser homossexual: havia uma grande discriminação, um grande preconceito, mas uma coisa muito difusa, difícil de se apontar e dizer: “está lá o inimigo, vamos todos nos unir para lutar contra ele”.

Essa indefinição e a falta de um objetivo claro tornava muito difícil criar uma frente unida de homossexuais.

Depois de algum tempo, surgiram clivagens baseadas em diferenças de classe social e de orientação política. O grupo SOMOS sofreu uma séria divisão política da qual nunca mais se restabeleceu plenamente. Esta foi interpretada por muitos como resultando da tentativa da Convergência Socialista de se apossar do movimento homossexual. Para alguns, os militantes trotskistas estariam tentando “cooptar as bichas”. Essa tática foi de fato discutida por membros da Convergência, no bojo de uma estratégia maior de canalizar para aquela agremiação diversos manifestantes de contestação cultural, que estavam então em processo com a militância negra e feminista.

Mas havia uma diferença mais básica ainda que dividia o grupo. Era a discussão sobre a natureza da homossexualidade. Era-se ou estava-se homossexual? Seria essa uma condição permanente ou uma opção de vida temporária, que não refletia nenhuma essência pessoal?

Talvez a maioria dos integrantes do SOMOS tenha se considerado essencialmente homossexual. Afinal, a maioria dos seus membros novos viam o grupo como um lugar onde podiam deixar cair a máscara, onde podiam se revelar como “o que realmente eram”. Uma das atividades que mais atraíam os novatos eram os grupos de reflexão, em que tinham a oportunidade de discutir com vários outros “iguais” as suas experiências de atração pelo mesmo sexo e de repressão. Essas reuniões, chamadas “de identificação” eram consideradas a base de toda política do grupo. Nelas, os participantes reconheciam-se nas experiências uns dos outros. Essas reuniões eram dominadas por um forte clima de catarse emocional que não se adequava a discussões mais intelectualizadas da questão. Havia portanto pouco lugar para o debate de um tema tão teórico quanto a da possível construção social da identidade homossexual.

As reuniões de identificação, porém, não eram suficientes para manter o entusiasmo pelo grupo. Após um certo tempo constatava-se que todos repetiam uma história similar. Relações de amizade e intimidade já haviam sido estabelecidas com alguns membros do grupo e a tendência era de deixar de freqüentar as reuniões para participar das atividades mais animadas e menos conflituosas do novo comércio voltado à população gay.

Por volta de 1982, o movimento havia perdido seu ímpeto inicial. As eleições para governador permitiram, pela primeira vez desde 1964, um debate político amplo em que ficou evidente o rompimento da unidade da oposição, e o surgimento do facciosismo da esquerda repercutiu até mesmo entre militantes homossexuais, enfraquecendo ainda mais as suas bases de identificação com os homossexuais em geral.

Em São Paulo, a chegada ao poder do PMDB, sob o comando de Franco Montoro, coincidiu com as primeiras mortes por AIDS registradas no Brasil. Isso proporcionou o surgimento de um novo tipo de atuação dos antigos militantes ou simpatizantes do movimento homossexual. Constatando uma disposição do novo governo de dialogar com a sociedade e de buscar caminhos para uma atuação inovadora, intelectuais homossexuais convenceram as autoridades a instalar o primeiro programa do Brasil de atendimento à AIDS. Simultaneamente, fundou-se a primeira ONG/AIDS, o Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS de São Paulo (GAPA).

Os antigos militantes encontravam-se agora numa posição inusitada, porque

um dos grandes temas do movimento homossexual sempre fora o questionamento do discurso médico por rotular a homossexualidade como patogênica e assim respaldar muitas das ações contra os homossexuais. Mas agora precisavam pedir o auxílio dos médicos e, pouco tempo depois, quando as idéias de sexo seguro começaram a se afirmar, foram esses antigos militantes que passaram a divulgar essas noções.

A mudança da postura antidiscurso médico para essa de repetição e propagação do discurso médico seria muito interessante pesquisar. No Arquivo Edgard Leuenroth encontra-se uma grande parte dos papéis do SOMOS e de alguns grupelhos que surgiram depois e incorporam essa questão da AIDS. Seria muito interessante rastrear essa mudança; nós podemos ver, por exemplo, o trabalho de Nestor Perlongher, que escreveu o livro *O que é a AIDS*, em que ele se posiciona radicalmente contra o uso da camisinha. Nisso ele estava simplesmente explicitando uma posição que tinha muitos defensores entre antigos militantes homossexuais. Atualmente, eles já rejeitam completamente essa postura e vários estão empenhados em prevenir a transmissão entre os assim chamados “homens que fazem sexo com homens”, definidos simplesmente por suas práticas sexuais e sem nenhuma ênfase em qualquer tipo de identidade homossexual.

Em conclusão, pode-se dizer que qualquer que tenha sido os seus erros, o movimento homossexual serviu para fomentar o debate sobre a homossexualidade, tornando-a mais visível e possibilitando uma opinião pública mais tolerante. Isso foi muito importante para campanhas de prevenção da AIDS e também para chamar a atenção para os direitos de cidadania dos homossexuais, principalmente contra a violência e a discriminação. Hoje, graças ao trabalho de muitos desses militantes, vários municípios do Brasil contam com leis proibindo a discriminação de pessoas por orientação sexual.

**Edward MacRae** formou-se em Psicologia Social e é mestre em Sociologia da América Latina pela Universidade de Essex, Inglaterra. Doutorou-se em Antropologia Social pela USP. É professor adjunto de Antropologia na Universidade Federal da Bahia e pesquisador associado do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas - CETAD/UFBA.